

BONFIM, Manuel

* pedagogo e pensador.

Manuel Bonfim nasceu em Aracaju no dia 8 de agosto de 1868, em família proprietária de engenho de açúcar.

Aos 12 anos mudou-se para Salvador, capital da província da Bahia, para fazer os cursos preparatórios da Faculdade de Medicina, na qual ingressou em 1886. Em 1888 transferiu-se para o Rio de Janeiro – que de capital do Império passaria, com a proclamação da República, a Distrito Federal – e aí se formou em 1890. Clinicou durante oito anos e em 1896 tornou-se professor de educação moral e cívica na Escola Normal, depois Instituto de Educação. Nessa época escreveu livros didáticos, entre eles *Língua portuguesa*, em coautoria com Olavo Bilac. Em 1897 assumiu a direção do Pedagogium, museu de pedagogia criado em 1890 com o objetivo de impulsionar o ensino nacional dando ênfase ao ensino nas escolas normais, e em 1898 assumiu a cátedra de psicologia e pedagogia da Escola Normal, abandonando definitivamente a medicina para aprofundar-se nas disciplinas pelas quais era responsável. No início do século XX, foi para Paris estudar com o médico Georges Dumas e o psicólogo Alfred Binet (inventor do teste de inteligência que recebeu seu nome), que lhe sugeriram a criação de um Laboratório de Psicologia Brasileira dentro do Pedagogium.

Morava em Paris em 1905, quando lançou o livro *América Latina, males de origem*, em que negava a tese de que o atraso do continente se devia à índole de seu povo ou à miscigenação. Para ele, a colonização era a origem dos tais males e só a educação pública de qualidade daria um novo rumo para o Brasil e a América do Sul. Suas teses iam contra as idéias recorrentes na sociologia e psicologia da época, pois considerava o fenômeno psicológico como histórico e social, constituído nas relações entre as consciências mediadas pela linguagem, a qual, para ele, era produto do meio e da socialização. Era contra as pesquisas em laboratório, que considerava artificiais e restritas, e propunha um método de estudo do psiquismo baseado no estudo das manifestações humanas dentro do

contexto histórico. Antecipou, assim, idéias desenvolvidas posteriormente pelo também psicólogo e pedagogo suíço Jean Piaget e pelo cientista político Antonio Gramsci.

A publicação de *América Latina, males de origem*, rendeu uma polêmica com o folclorista e historiador Sílvio Romero, sergipano como Bonfim, 17 anos mais velho, um dos 40 fundadores da Academia Brasileira de Letras e prestigiado nos meios intelectuais brasileiros. Romero defendia idéias opostas às expostas no livro. Atribuía o atraso brasileiro à miscigenação, que tornava o brasileiro infantil e semibárbaro, pois a mistura com negros e índios havia corrompido o homem branco. A solução seria o branqueamento da população, com a vinda de mais imigrantes europeus. Romero publicou em jornais 25 artigos de crítica ao jovem professor e psicólogo, e a polêmica virou rixa pessoal. Na biografia de Manuel Bonfim, *O rebelde esquecido*, Ronaldo Conde Aguiar conta que os ataques só foram revidados na imprensa uma vez.

Bonfim estava mais interessado em criar o Laboratório de Psicologia do Pedagogium – o que ocorreu em 1907 – para incentivar o debate sobre a prática e a teoria do ensino, fundamental para a cidadania e a consciência social da população. Nessa época assumiu a Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal, sem deixar de ser professor, e passou a registrar em livros a dupla experiência. Com base nas aulas da Escola Normal, publicou *Lições de pedagogia* (1915) e *Noções de psicologia* (1916). Em 1919, deixou a direção do Pedagogium para dedicar-se só às aulas e aos livros. Publicou *Pensar e dizer: um estudo do símbolo no pensamento e na linguagem* (1923), em que discorria sobre as correntes da psicologia da época, *O método dos testes* (1926) e *Cultura do povo brasileiro* (1932).

Após sua morte, em 1932, no Rio de Janeiro, teve mais quatro obras publicadas: *Crítica à escola ativa*, *O fato físico*, *As alucinações auditivas do perseguido* e *O respeito à criança*. Embora com abordagem diferente, é considerado um pensador na linha de Joaquim Nabuco e José Bonifácio que, no século XIX, haviam atribuído o atraso brasileiro à escravidão. Bonfim foi adiante ao relacionar a escravidão à colonização predatória da América Latina, e preconizava como única saída o trabalho livre e a educação pública de qualidade.

Beatriz Coelho Silva

FONTES: AGUIAR, R. *Rebelde*; FERREIRA, R. *Manuel*; PRADO, M. *Manuel*;
Wikipédia. Acesso em: 5/6/2009.